

A relação Ciência – Sociedade em ‘entrelinhas’ (Portugal, 1945-1960)

Maria Otilia Pereira Lage¹

Introdução

A recepção em Portugal dos grandes debates em torno da ciência conheceu na polémica travada entre António Sérgio e Abel Salazar um episódio marcante nos anos 1930. Do que nela esteve em jogo, o seu alcance e do gosto a “cena suspensa” que nos deixou, já noutra contexto se tratou.² Aí nos inquiríamos também sobre uma outra linha de divulgação cultural e científica, a do projecto de Bento de Jesus Caraça centrado na Biblioteca Cosmos, marcado pelo materialismo historicista e que se prolongou até finais da II Guerra Mundial.

Entronca nesse, um outro debate que, sob condições de apertada censura e de uma forma mediada pelo viés da estética, da arte e da literatura, haveria de dominar a cena intelectual do país particularmente nos anos 1950/60, cuja abordagem nos propomos aqui iniciar.

Contrariamente àquela outra polémica em que se confrontaram posições teóricas reclamando-se de diversos horizontes de ideias, este debate³ interno ao “neo-realismo” (designação entre nós para o realismo socialista, segundo alguns), retomando, embora, sob o modo da querela “forma”/ “força” (“conteúdo”) a indagação do objecto social e a questão da formação de uma cultura científica e de uma consciência social e crítica, encontra-se à partida circunscrito a um campo tendencialmente delimitado e de vocação programática. Nesta base inclusiva defrontam-se duas posições: por um lado, a que defende que a arte é tanto mais conseguida quanto mais se dissolve na própria vida, e por outro, a que, quiçá, por influência de algumas das ideias de autores (W. Benjamim, Adorno) ligados à Escola de Frankfurt⁴ afirma a especificidade do discurso artístico e literário,

¹ Doutoranda na Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais.

² Comunicação “*Da disjunção da ‘polémica’ à ‘complementaridade’ - Ciência e Sociedade (Portugal anos 1930 -1940)*”, apresentada ao Colóquio comemorativo dos 20 anos da Revista Crítica de Ciências Sociais, Ab.-Mai. 1999, painel *Ciências/Humanidades: grandes esperanças ou ligações perigosas?* ; ver Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, nº 54 de Junho de 1999, p. 114, 117.

³ Debate vindo a público na *Vértice*, [Coimbra, 1942-1980] [Lisboa, 1988 -]. Revista de início de “cultura e arte” e só depois de “intervenção cultural”, a *Vértice* foi lançada em 1942, numa linha de continuidade de publicações da década anterior, como “O Diabo” (1934/40), e “Sol Nascente” (1937/1945) se assume como revista de cultura e democracia empenhada na formação de uma consciência social, exemplo de resistência cultural ao Estado Novo que atravessa, num percurso algo irregular mas de uma longevidade só ultrapassada pela Seara Nova. “*Revista de cultura útil , da cultura utilizável para o melhor conhecimento dos problemas nacionais*”, como ela própria se apresenta em “Missão”, texto publicado no seu nº de Nov. de 1945, ano em que é criado o MUD e que a revista passa a ser chamada de *Vértice neo-realista* , pois, como no dizer de então de Arquimedes da Silva Santos passa a ser “*ponto de convergência de intelectuais, escritores e artistas, inconformados e inconformistas, sob um impulso inicial do recente movimento neo-realista*”. (CORREIA, Fernando – As revistas culturais entre a cultura e o mercado. “*Vértice*”, nº 79 , Jul.-Set., 1997, p. 60 – 69)

⁴ ASSOUN, Paul-Laurent – L'École de Francfort. Paris: PUF, 1987. (Col. Que Sais-je?) .Tradução de Helena Cardoso. S.Paulo: Editora Ática, 1991. A Escola de Frankfurt designa a corrente que começou por tomar corpo com a criação do Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt, em 1923, (por iniciativa de Félix J.Weil, doutor em ciências políticas e organizador da 1ª Semana de Trabalho Marxista, um ano antes, em que participou Lukács, Pollock, e outros) expatriado pelo nazismo em 1933 para a Suíça, onde esteve até 1950, data em que voltou para Frankfurt. Ligada a nomes como W.Benjamim, Horkheimer, Adorno, Habermas, está associada a um projecto científico, a “filosofia social” e a uma atitude, a Teoria Crítica, a Escola de Frankfurt designa em síntese um movimento teórico diverso mas contínuo e com vocação de um racionalismo militante na história.

abrindo implicitamente para a crítica à *naturalização* do social, molde em que a primeira plasmava a sua visão determinista da história e do conhecimento.

1. Relação Ciência - Sociedade em Portugal (1945 - 1960) : a posição do problema

“no futuro desenha-se, talvez, um novo problema social:- a tirania da Ciência” (Abel Salazar, 1933)⁵

De um ponto de vista genérico pode dizer-se que a questão da relação Ciência - Sociedade que hoje domina as nossas preocupações tem uma história recente. Há cerca de 150 anos, que a ciência e a tecnologia - recursos decisivos para o desenvolvimento económico e social em crescimento contínuo, suscitando no seu uso intensivo, novas práticas, novos conhecimentos e mais sofisticadas aplicações -, passaram a integrar constitutivamente as bases materiais e funcionais das sociedades do mundo ocidental capitalista, tornando-se hoje nos seus fundamentos. Do fascínio do “puro” e “bom” desenvolvimento científico, do correlato progresso tecnológico universal e da “vida melhor” para todos, na moderna organização das sociedades industriais do séc. XIX, passou-se rapidamente e por imposição dos interesses das revoluções industriais a cenários apocalípticos de mortes e destruições massivas que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Publicado em 1945 o relatório e programa para o desenvolvimento da investigação “Ciência, a fronteira sem limites” de Vannevar Bush, conselheiro científico de Roosevelt, e vê-se acelerado durante e pela Guerra Fria o ritmo de crescimento, a níveis sem precedentes, da base científica e tecnológica do sistema mundo capitalista. Terminara o período de “encantamento” com o progresso da ciência que é transferida para os centros do poder militar e económico. Esta tendência traria consigo um fosso entre “as duas culturas” para usar a designação que ficou célebre desde que C. P. Snow, pela primeira vez a usou nos anos 60 para denunciar a incompreensão então entre os cientistas e os intelectuais literatos e das humanidades, e cujo alargamento estava a destruir a vida intelectual das sociedades ocidentais.⁶ A mesma incompreensão que em 1964 Jorge de Sena explicava assim: *na sociedade euro-americana, por imposição dos interesses das revoluções industriais, uma cisão sabiamente estabelecida, entre a cultura de raiz humanista, e a ciência que dava ao humanismo os meios de continuar a sê-lo*. Separação que o escritor associa à clássica separação das funções psicológicas, tão artificial como, em política, a “separação dos poderes”, a propósito da análise que faz da dialéctica psicológica na poética de A Gedeão contextualizada na sociedade portuguesa da época *“ferreamente hierarquizada financeiramente”*⁷. Releitura a que voltaremos, por necessária ao desenvolvimento de alguns tópicos do argumento aqui estabelecido.

Ao abordarmos os termos da relação sociedade – ciência em Portugal, anos 1930 a 1960, deparamos desde logo, com a dificuldade capital de caracterização dos seus termos, tanto mais quanto não desconhecemos que o desenvolvimento de tal relação supõe em larga medida, uma vivência democrática. Ora, se a sociedade portuguesa foi insidiosamente anti-democrática ao longo desses anos, a produção científica quando parecia ganhar fôlego viu-se regra geral privada de condições e de meios e viu serem afastados alguns dos seus mais destacados protagonistas. Perguntar-se-á então que tipo de relação pode ter-se estabelecido? Não certamente a do debate actuante sobre os

⁵ SALAZAR, Abel – *A socialização da ciência*. Lisboa: Editorial Liberdade, 1933, p. 29

⁶ CARAÇA, João – *Que é ciência*. Lisboa: Difusão cultural, 1997, p. 91-93

⁷ Em prefácio á Obra Poética de A Gedeão/Rómulo de Carvalho, que fora seu professor de liceu. SENA, Jorge - Prefácio a GEDEÃO, António - *Poesias Completas*(1956-1967). Lisboa: Portugalia, [1964], p. XLIV

avanços científicos e os seus processos, pois nem a discussão aberta era possível nem a produção científica atingia “massa crítica” que a induzisse, não obstante os esforços desenvolvidos para além do plano de “política cultural” de Abel Salazar⁸ e do programa de “cultura integral” de Bento de Jesus Caraça, por um conjunto de intelectuais, cientistas e professores universitários (Aurélio Quintanilha, Rodrigues Lapa, Celestino Costa e outros) que na década de 1930 já reclamavam pela reforma dos estudos universitários e pela difusão de uma cultura científica, mormente das elites.⁹ As actividades científicas desenvolviam-se então em escassos domínios: da medicina e estudos náuticos de expressão maioritária já em séculos anteriores,¹⁰ às engenharias e estudos geológicos, ciências aplicadas cujo nascimento data do séc. XIX¹¹ passando pelos estudos clássicos. Naturalmente que havia investigação científica nos poucos centros de estudo universitários existentes, mas falar então em Portugal em comunidade científica, a exemplo do que se passava noutros países, seria uma miragem. Alguns cientistas prosseguiram os seus trabalhos em condições de relativo isolamento.¹² Ao mesmo tempo que, por decisão do Conselho de Ministros de 18 de Julho de 1947, vinte e um docentes universitários eram demitidos, sendo vários deles forçados ao exílio, como Manuel Valadares, Mário Silva, etc. Simultaneamente foram canceladas bolsas de estudo para pós graduação e iniciação à investigação científica¹³, o que aliás se compagina com o reforço do aparelho repressivo salazarista, “(...bastante estranhamente, em especial desde 1945, quando as esperanças de uma democratização atingiram o ápice)...” [designadamente através de] *um sistema de ‘justiça política’*¹⁴

Como iria então configurar-se a relação Ciência Sociedade neste e em períodos posteriores à polémica Abel Salazar - António Sérgio em torno da divulgação cultural e científica a qual beneficiara ainda de uma certa abertura social, entretanto abruptamente interrompida, em 1936, ano da eclosão da Guerra Civil de Espanha, e em que em Portugal se verifica o endurecimento da censura¹⁵

⁸ Veja-se “Um vasto Plano de Política cultural organizado pelo ilustre professor Dr. Abel Salazar ...” *Liberdade*, 11/6/1933, p.1-2 o qual se dividia em: 1º Evolução do Pensamento através da História e a Origem do espírito Científico; 2º O Problema Religioso; 3º O Problema cultural; 4º O Problema Social; 5º O Problema Eugénico; 6º O problema sexual, ficando os dois últimos a cargo do assistente de A.Salazar, Almerindo Lessa. A realização deste plano prevista para a Universidade do Porto viria porém a ser impedida.

⁹ CUNHA, Norberto – *Génese e Evolução do ideário de Abel Salazar*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1997, p. 271-276

¹⁰ Veja-se CARVALHO, Rómulo - *Bibliografia das obras de autores nacionais publicadas durante o séc.XX que se ocupam das actividades científica e técnica dos portugueses nos séculos anteriores*. In História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no séc.XX. Lisboa: Publicações do II centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1992. Vol. III, p. 1781-1938.

¹¹ CARAÇA, João – *O que é Ciência*. Lisboa: Difusão Cultural, 1997, p. 60.

Sobre a emergência de redes sociotécnicas em Portugal no contexto da história destas ciências aplicadas no episódio volfrâmio, tratámos em *Wolfram=Volfrâmio:Terra revolvida, memória revolta. Para uma análise transversal da sociedade portuguesa(anos 1930/60)* (tese de doutoramento a apresentar em breve à Universidade do Minho.

¹² Recorde-se a atribuição em 1949, a Egas Moniz, pelas suas experiências angiográficas e controverso método da “leucotomia frontal”, do durante muito tempo único Prémio Nobel Português e ainda hoje único no domínio da Ciência

¹³ ROSA, Rui Namorado – “*Um contributo para a memória de 50 anos de actividades científicas em Portugal.*” *Vértice*, Jan.-Fev. 1997, p. 33-34

¹⁴ MARTINS, Hermínio – *Classe, Status e Poder*. Lisboa: Universidade de Lisboa-Instituto de Ciências Sociais, 1998, p. 42. Para uma tentativa de encontrar um princípio de explicação vejam-se capítulos finais de nossa tese de doutoramento em preparação, já referenciada.

¹⁵ “*De 1926 a 1935, a repressão política agiu numa base um tanto ad - hoc e extrema legal... Até cerca de 1935 o regime não havia definido a sua fisionomia política para além do autoritarismo corporativo... Mas por volta de 1935 o regime tornou-se mais intransigente e começou a construir um aparelho repressivo relativamente complexo e tecnicamente sofisticado que manteve e se aperfeiçoou progressivamente e a*

e a primeira “purga” das universidades? Pela retoma da divulgação e debate sobre o que lá fora se sabia ir acontecendo no domínio da ciência?

Vimos que tal debate falhara o encontro com a então emergente questão central ao discurso sobre o conhecimento científico posta pela física das partículas, a qual foi corporizada no debate Bohr - Einstein e mereceu de Abel Salazar tão só uma breve referência. A relevância desta hipótese de leitura tem a ver com a importância de este facto ser quanto a nós inaugural, fundador de uma bifurcação no campo da ciência que viria a traduzir-se na disjunção unidade/complementaridade que ainda hoje baliza os discursos sobre a ciência, e constituir, por isso, a “pedra de toque”.

Pode considerar-se um afloramento de tomada de posição perante esta problemática o estudo *Unidade da Ciência. Introdução a um problema* de Magalhães Vilhena, publicado em 1941 e ao qual A. P. Pita se refere como representativo do “aparecimento, no âmbito da problemática marxista, da ideia da existência de leis na sociedade e na história”¹⁶.

É ainda profundamente significativo que Magalhães Vilhena tenha vindo logo a seguir, em 1942 /1945, a sentir a necessidade de, em colaboração com uma equipa de professores da Faculdade de Ciências, promover a elaboração de um curso sobre “*Introdução física e epistemológica à teoria dos quanta*”¹⁷, o que poderá indiciar que afinal se marcou entre nós presença na questão da Complementaridade surgida na polémica referida e à qual, em hipótese anteriormente por nós aventada, nos parecia ter faltado Abel Salazar.

elaborar [...] um sistema de ‘justiça política’ “ MARTINS, Hermínio – *Classe, Status e Poder*. Lisboa: Universidade de Lisboa-Instituto de Ciências Sociais, 1998, p. 41-42.

Importará ter presente que foi precisamente em 1945 que foi criado o MUD – Movimento de Unidade Democrática – a que se seguiu, em 1946, a fundação do MUD Juvenil sendo este declarado ilegal em 1957 no que ficou conhecido como “Julgamento dos 51” no Plenário do Porto. Ver *Vértice* nº72 Mai-Jun., 1996 número dedicado à comemoração dos 50 anos do MUD Juvenil.

¹⁶ *A Recepção do marxismo pelos intelectuais portugueses (1930-1941)*. Coimbra: Oficina do Centro de Estudos Sociais, 1989 (nº12), p.14. Sem que se advogue uma ideia de continuidade linear e cumulativa, a propósito da questão das leituras de Marx e do Marxismo em Portugal, para que nos remete o estudo citado referente apenas ao campo do neo-realismo português de 1930 a 1941, vale a pena adensar a análise desta problemática, integrando outros estudos e leituras, referentes a períodos anteriores como por exemplo aqueles para que nos remete o seguinte artigo : BASTIEN, Carlos – *Os primeiros leitores portugueses de Marx economista*. “*Vértice*”, II Série, nº 79, Jul.-Set., 1997, p. 34-49. Recenseia o autor, com base no inventário que faz das mais significativas leituras de Marx economista ocorridas em Portugal entre 1841 e 1912, nomes como Alves Sousa, Marnoco e Sousa, J.J.Rodrigues de Freitas, J.J.O Pinto, Oliveira Martins, Batalha Reis, J. F. Laranjo, Sampaio Bruno, A A Pires de Lima, M.Abúndio Silva, etc. – na sua maioria estudantes e professores na Universidade de Coimbra-, e salienta que o “ interesse minimamente consequente pela discussão em torno da obra económica de Marx se situava quase exclusivamente no espaço universitário que se não assumia como marxista, antes apresentava interpretações assentes numa postura reveladora de uma aproximação imediatizante aos factos e procurando invalidar a lógica e/ou o realismo da teoria. No que se refere ao então movimento socialista organizado não apreço ter havido qualquer aproximação séria *a teoria marxista. É no entanto inquestionável como prossegue Bastien que “o marxismo se foi impondo de forma crescente, embora sincopada e sem progresso linear à cena cultural portuguesa”, tendo a sua presença sido relevante nos anos 90 do sec. passado, período em que começava a ser patente a sua institucionalização nos meios académicos, pese embora a fraqueza quantitativa e qualitativa dos textos que então cá eram lidos (A Miséria da Filosofia, precário conhecimento do Livro I do Capital e desconhecimento total dos livros II e III do Capital) , a fraqueza social .

É ainda incontornável o estudo da obra de Armando de Castro, e uma releitura em particular de estudos e trabalhos seus especificamente dedicado a esta matéria e de que referimos a título de exemplo : *A Investigação científica ao serviço da Economia* . Porto, 1945, Opúsculo ; *Os primeiros críticos de Marx em Portugal* “*Vértice*”, nº 453, Mar.-Abr.1983, p.16-17; *Para a história do pensamento marxista em Portugal* in *O Marxismo no limiar do ano 2000*. Lisboa: ed. Caminho, 1985;

¹⁷ BESSE, Guy – “Magalhães Vilhena, filósofo e combatente (1916-1993)” *Vértice*.Mai-Jun.1995, p. 83 -88

Mas em 1945, Magalhães Vilhena viria, como tantos outros dos nossos homens de ciência e de cultura a ser compelido ao exílio deixando em aberto projectos em que ecoavam as novas ideias produzidas no contexto internacional de afirmação das ciências e do predomínio social das técnicas que marcariam profundamente a relação ciência - sociedade nos anos seguintes e que em Portugal passaram no seu desenvolvimento, quando muito, a só poder ser lidas nas entrelinhas.

É na questão assim problematicamente posta que reside a hipótese central deste texto.

2. A Relação sociedade – ciência: pelo viés do debate estético.

A hipótese de partida é, então, a de que se verificou em Portugal como que um processo de internalização do debate o qual se veio a confinar à questão da ciência da sociedade vertida em molde literário. É deste que se passa a discutir a força e a forma deixando nas entrelinhas passar a pressuposição de unidade da ciência, isto é, tomando-se partido pela generalização da matriz das ciências da natureza à história e à sociedade em termos tais que seriam regidas por leis da mesma natureza, afastando do campo a problemática que o estabelecimento das primeiras vinha levantando.¹⁸

É, pois, à análise de alguns textos fundamentais em que um tal debate se corporizou que vamos dedicar-nos a partir daqui. Não sem que antes de o começarmos a fazer, relevemos o que, quanto a nós, marca de forma indelével a sua produção, ao ponto de podermos considerar tal marca, a “marca de água” do que ao tempo se produziu – a metaforização externamente induzida, a **natureza críptica** dos discursos a que em larga medida se terá ficado a dever a ausência de uma reflexão que, um pouco mais tarde, Derrida cunhou de “mitologia branca”. De facto, o efeito de censura prévia mais do que impedir que se tivesse debatido abertamente, o que já de si constituiu um dos mais fortes entraves à produção nacional de ideias, reduzindo-nos ao estado anómico de quem se vê privado do uso da voz, fez cristalizar num jogo especular de referências sobrecodificadas, cujo conhecimento pressupunha, os debates havidos, reduzindo-lhes o alcance e pervertendo-lhes de raiz os termos, uma vez que o que neles estava em causa só faria sentido se permitissem a participação dos públicos a quem era pressuposto dirigirem-se.

2.1. “A Força e a Forma” polémica interna ao neo-realismo português (anos 40/54).

“ O projecto de consciente e sistemática acção integradora da arte na sociedade socialista induziu autores de coturno, entre os quais Lukács, em atribuir sistematicamente maior importância ao ‘conteúdo’ do que à ‘forma’ ”¹⁹

Sob a designação “a força” e “o fundo” ou “forma” *versus* “conteúdo” ficou conhecida a polémica interna à história do Neo - Realismo vinda a público na revista *Vértice*, a partir de um texto de Cochofel de 1952 seguido de comentário de António José Saraiva, e que, alargada a outros, se prolongaria por meses e anos.

¹⁸ Caso é para perguntar se certas interpretações das correntes pós - modernas não incorrem hoje em aporia idêntica apenas de sinal contrário ao pretenderem que a matriz contingencial que relevam dos estudos sociais valha de forma idêntica para as ciências da natureza.

¹⁹ BRANCO, João de Freitas – Sobre estéticas marxianas. In “O Marxismo no limiar do ano 2000”. Lisboa: Caminho, 1985, p. 22.

Na releitura desta polémica deparamo-nos desde logo com uma resistência que pode expressar-se pela seguinte relação: da metáfora como despiste da censura ao chavão de “o pouco e o muito”.²⁰

Toma-se essa abordagem à “empíria”, pela materialidade de textos culturais, suas inscrições socio políticas e ideológicas no debate de ideias e da sua divulgação, como expediente metodológico para ensaiar uma aproximação ao contexto histórico de surgimento das ciências sociais em Portugal, pela via dos ensaísmos sociológico e técnico científico dos anos 1950/60.

Procura-se por este desvio pelos textos, dando continuidade a pesquisa iniciada em comunicação apresentada ao Colóquio Comemorativo dos 20 anos da Revista Crítica de Ciências²¹ identificar na produção literária e cultural nacional dispositivos de defesa perante a censura e reflectir sobre alguns dos seus efeitos perversos traduzidos numa cristalização em que as fórmulas ao tempo que remetem para determinados objectos sociais passam a ser processos de reconhecimento e não de conhecimento, obstaculizando afinal a compreensão daquilo para que remete.

Como ponto de partida duas ideias básicas: a da metáfora de Karl Marx: *a revolução social como velha toupeira cavando o subsolo – invisível durante longos períodos, mas minando a ordem tradicional*²² e a de Niels Bohr: *“a nossa ciência não pode segurar-se inteiramente sobre as suas pernas, é profundamente ancorada nos conceitos comuns e utilizada na vida quotidiana”*²³.

Como ponto de chegada, o trabalho sociohistórico daquele argumento, com as noções de “conhecimento situado” e de personalização do trabalho científico,²⁴ como elemento de uma nova teoria crítica.

Passamos então a introduzir a ambiência de polémica cultural e ideológica que vai ser protagonizada pela revista Vértice de Coimbra.

Marca o campo da polémica sobre a arte e a sociedade, reactivada nos anos 1950, o texto de Ramos de Almeida *“A Arte e a Vida: Para esclarecimento e compreensão da literatura moderna portuguesa e da estéril polémica arte pura e arte social”*²⁵ (conferência proferida em 1941 na Associação Cristã da Mocidade, Porto, editada nesse ano e reeditada em 1945) cuja análise sumária iremos fazer na medida em que nos permite desenhar os contornos do que estava em jogo.

“A arte emerge da vida, como a água que nasce de uma fonte, e mesmo aqueles artistas que nos pareçam mais puros, mais independentes, desde que sejam verdadeiramente artistas – quanto maiores melhor – vêm a essa fonte matar a sua sede e concentrar na ânfora da sua obra aquilo que possa dessedentar os outros (perdoem-me o retórico da imagem em troca do simile perfeito que ela evidencia). O que nos parece obra de mero talento individual é no artista apenas o poder de arrancar da vida e transmiti-lo em termos estéticos aquilo que nós sabemos que

²⁰ LISBOA, Irene – *O Pouco e o muito: Crónica urbana*. [texto de 1956] In Morão, Paula, Org. - *Obras de Irene Lisboa*. Lisboa: Presença, 1997.Vol.VI

²¹ Coimbra, Centro de Estudos Sociais da faculdade de Economia da universidade de Coimbra, Abril, 1999. Revista Crítica de Ciências Sociais nº 54 de Junho de 1999

²² GOULD, Stephen Jay – *A Vida é bela: O Xisto de Burgess e a natureza da história*. Lisboa: Gradiva, 1995, p79.

²³ Wigner apud CASTRO, Armando – *Teoria do Conhecimento Científico*. Porto: Afrontamento, 1987, p.231.

²⁴ SANTOS, Boaventura Sousa – *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1996, p.49-51

²⁵ ALMEIDA, António Ramos de – *A Arte e a Vida*. 1ª ed. 1941, 2ª ed. Porto: Livraria Latina, 1945 (Cadernos Azuis; 2). Tal como em Lisboa a Biblioteca Cosmos, a que fizemos uma aproximação desenvolvida em nossa comunicação “*Da disjunção da ‘polémica’ à ‘complementaridade’ - Ciência e Sociedade (Portugal anos 1930 -1940*” também a colecção Cadernos Azuis, colecção de Cultura Viva criada e dirigida por Manuel de Azevedo da Livraria Latina, Porto, constituíram “*pela acessibilidade do seu preço e linguagem simples e clara como os problemas serão expostos, ...um sério esforço de cultura popular.*” Apud LOURENÇO, Jorge Fazenda – *Título nenhum serve: Para o estudo da recepção de Jorge de Sena nos anos 40*. In SANTOS, Gilda, Org. – *Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999, p. 153-170.

*existe na vida. (...)Para além do seu formalismo estéril, o problema arte - pura e arte - social possui um outro significado: revela uma polémica travada entre duas consciências estéticas que correspondem por sua vez a duas consciências sociais. No sentido da oposição e do combate, o pseudo - problema arte – pura e arte – social tem o valor da impossível conciliação entre uma consciência decadente e uma consciência nascente, que no fundo é todo o drama cultural da nossa época, que por sua vez não é mais do que a expressão nas ideologias do drama material e social do nosso momento histórico. É inútil, infantil e ingénuo pedir a um subjectivista que não seja subjectivista. Ser ou não ser subjectivista não é uma simples questão de capricho individual. Os homens não são aquilo que nós queremos que eles sejam, os homens são aquilo que são, isto é, são seres conscientes e sociais, portanto condicionados pelas múltiplas solicitações da realidade social em movimento...A evolução da sociedade está sujeita a certas leis históricas, e o homem como ser social segue o condicionamento da sociedade a que pertence.*²⁶

Num comentário muito abrangente à obra que as passagens citadas ilustram sobejamente, diremos que nas suas entrelinhas ecoa a versão “naturalizante” das leis do desenvolvimento histórico divulgadas em textos, entre nós publicados em 1939/1940, de Gabriel Coutinho e José Vasco Salinas – aliás Staline -²⁷ cripticamente enunciadas, ou seja por exemplo: *racionalismo concreto* em vez de *materialismo dialéctico*, *bases de concepção realista* em lugar de *bases de concepção materialista*.

A actualização desta polémica interna ao neo-realismo português vai ocorrer em outros *tempos e modos* mobilizando, mormente nas páginas da revista *Vértice*, outros protagonistas, como por exemplo o escritor, crítico de arte e metodólogo do Ensino Secundário Mário Dionísio o qual em 1951 curiosamente retoma a questão da divulgação cultural²⁸, contraditando António José Saraiva. Nela assume porém particular intervenção João José Cochofel, versus António

²⁶ ALMEIDA, Ramos de, Ob.cit., p. 28; 58-59. A propósito da obra poética deste autor (1912-1961) vale a pena citar J. F. Lourenço (artº.ref., p.159) “... para os neo-realistas a ‘verdadeira poesia’ é, de algum modo, ‘expressão da alma popular’xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

²⁷ PITA, A.P. – ob. Cit – anexos, p.89-90: COUTINHO, G. - Leis do Desenvolvimento Histórico in *Sol Nascente* nº 34; p. 92 : ibidem – ABC –Que é o método dialéctico? “*Sol Nascente*º 40; p. 93-96: SALINAS, J.V. – *Os fundamentos do racionalismo concreto: I - Bases do método dialéctico, II- Bases de concepção realista* “*Síntese*”, 5 e 6;

²⁸ DIONÍSIO, Mário – *A Força e a Forma: Os caminhos convergentes*. “*Vértice*”, vol. XI, 1951, p. 100-104. Neste artigo, o escritor, crítico de arte e metodólogo do Ensino Secundário, Mário Dionísio, denuncia o pensamento “em esquema” de A. J. Saraiva, sobre a cultura nacional, aí nos parecendo estar criptado, em as “várias camadas da população” a expressão pública do entendimento à época do conceito marxista de “luta de classes”. Posteriormente, ainda em 1951 e nas páginas da *Vértice*, Mário Dionísio, desenvolve o mesmo tópico “a *Força e a Forma*”, ora “a propósito dos encontros em Paris”, onde, sobre a obra de Picasso e Chagall argumenta que não é apenas a forma nem o lado técnico nem a criação de uma nova linguagem que define a obra de arte mas sim o próprio conceito de vida, a realidade não como natureza morta mas dinâmica (vol.XI, p. 234-238); ora “sobre um equívoco insistente” onde discute o problema da técnica e da intenção, tomando posição por “se a intenção é o que é durável a técnica é o que lhe dá eficiência” (Vol.XI, p. 304-306) ; ora ainda em “*crítica*” onde coloca a questão entre o equilíbrio e a forma, terminando por fazer a sua defesa (VOL.XI, p. 653-660). Prossegue ainda em 1952, o mesmo argumento então a propósito de “*pintura e público*” em que clarifica a sua posição “a arte não é uma cópia da natureza” (naturalismo), “mas uma representação” (realismo) sustentando que há uma interacção entre o artista e o público, isto é, se a arte transforma também a exigência do público obriga o artista a exprimir de uma forma mais eficiente. (Vol. XII, p. 65-73). Outros colaboradores da *Vértice* tomaram também posição nesta polémica invocando ou questões de “estilo”, Dinis Ferreira (1953:204-207), ou, como o próprio director e proprietário da mesma, Raúl Gomes (1952) que sobre “Público e cultura” faz o ponto de ordem criticando os artistas que reclamam do público a compreensão dos processos específicos da produção artística em vez de procurarem educar esse público tratando temas que lhe sejam comuns e que correspondam a interesses e necessidades do mesmo. A este propósito denuncia R.Gomes o divórcio entre artistas e público, a seu ver, da responsabilidade dos artistas.

José Saraiva que finalizava em 1961 a sua *História da Literatura Portuguesa*²⁹, com a seguinte consideração:

“a importância do neo-realismo não resulta apenas das realizações que levou a cabo, mas do facto de que criou uma escola numerosa e nacional de prosa de ficção, iniciada por Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes e cuja influência se projectou também em escritores alheios à escola. Com o neo-realismo volta a afirmar-se por parte dos escritores uma consciência reflectida de acção dirigente sobre amplas camadas nacionais e de doutrinação coerente de um programa de reforma nacional.”

A posição de J.J. Cochofel encontra-se amplamente desenvolvida na sua obra *Iniciação Estética*, cuja 1ª edição, rapidamente esgotada, saiu posteriormente corrigida e aumentada,³⁰ fazendo à época o seguinte balanço sob a forma de conclusão “o que todavia entendemos por uma estética científica é a que estabeleça condições de geral explicação, verificada na inter-relação histórica da sociedade e da evolução das artes, e que, recorrendo aos dados das ciências do homem, forneça quadros objectivos de reflexão acerca das movediças e subtis relações entre a arte e a pluralidade das suas repercussões e dos seus factores biopsíquicos, históricos, sociais, gnoseológicos, éticos ou políticos”

Mas em que termos precisos se colocou afinal a polémica atrás enunciada e que mobilizando escritores, pintores, cinéfilos e críticos acabaria por ficar célebre sob a forma da oposição forma / conteúdo (intenção, força, fundo)³¹ ?

Diz Cochofel, autor dos mais importantes com Carlos de Oliveira da 1ª fase do neo-realismo³²:

“o diabo é que tal teoria e tal técnica atingiram de nossos dias uma complexidade tremenda. De nada vale fechar-lhe os olhos, fazer como o avestruz da fábula: a complexidade persiste e mais perigosa porque ignorada ou não analisada.

É bem certo que, quanto à primeira, a teoria, possuímos já uma aparelhagem científica aplicada a um corpo de doutrina organizado que nos poupa muita dor de cabeça. E neste ponto não posso por exemplo estar de acordo com António José Saraiva quando no nº 2 do jornal “Ler” opta pela negativa às seguintes perguntas que formula: ‘Acaso a Estética explica melhor hoje em dia a natureza da obra de arte do que no tempo de Platão? Acaso se efectuou nesse domínio uma marcha irresistível que deixe as teorias platónicas perante as que lhe sucederam na mesma posição em que se encontra por exemplo a Física de Galileu relativamente à de Einstein?’ Por mim penso que sim, atendendo evidentemente às diferenças qualitativas que existem entre ciência e arte: a ciência, impessoal e impassível, estabelecendo as leis da realidade; a arte, surpreendendo ‘afectivamente’ o processo ‘vivo’ da mesma realidade; isto é: duas faces opostas da mesma moeda do conhecimento (...). Contudo, não nos deixemos iludir por uma fácil concepção mecanicista: o artista não é prisioneiro do seu meio e da sua origem: mil impulsos materiais, espirituais, afectivos ou intelectuais podem levá-lo a furtar-se-lhes abraçando uma ideologia alheia. E até dentro da mesma ideologia o artista opta por determinado conjunto das

²⁹ SARAIVA, António José – *História da literatura Portuguesa*. 6ª edição corrigida. Lisboa: Publicações Europa América, 1961, p. 169-170 (sublinhados nossos). Observe-se que até esta data, o conjunto da tiragem global das várias edições anteriores desta obra (1ª ed. em 1949 com 4.000 ex.; 2ªed., 1950 com 5.000 ex.; 3ªed. 1955 com 4.000 ex.; 4ª ed. em 1957 com 4.000 ex. ; 5ªed. em 1959 com 4.000 ex.) atinge o muito considerável número de 26.000 exemplares distribuídos em Portugal e no Brasil.

³⁰ COCHOFEL, João José - *Iniciação Estética*. 2ªedição. Lisboa: Publicações Europa - América, 1964, p. 98.

³¹ Há inúmeras referências e estudos posteriores sobre esta querela, particularmente no campo dos estudos literários.

³² Consideração de Urbano Tavares Rodrigues, partilhada por outros em sessão testemunhal realizada em Matosinhos por ocasião de homenagem prestada a Augusto Gomes e Abel Salazar e coordenada por Isabel Pires de Lima, sobre o *Neo -Realismo*, com Alexandre Pinheiro Torres, Rui Feijó, Eduardo Lourenço, Arquimedes Silva Santos, Urbano Tavares Rodrigues, Eugénio Lisboa, Fernando Venâncio, José Carlos de Vasconcelos, José Manuel Mendes . “Vértice” nº 75, Dez. 1996, p. 59 - 89

noções e concepções referentes à maneira de encarar a arte e as suas relações com o mundo, noções e concepções que formam as várias correntes. Ainda que reflectindo porém ideologias e correntes idênticas, a obra de arte apresenta feições distintas de criador para criador, o que depende, evidentemente, da personalidade de cada um.”³³

A esta posição veio António José Saraiva responder com um artigo imputando a Cochofel as seguintes “abstracções escolásticas: a) abstracção de um artista isolado no tempo e no espaço, dotado de poder divinatório; b) a abstracção da arte como valor absoluto; c) a abstracção do público como entidade imutável; d) a abstracção da sociedade como mero cenário de fundo com o qual nada têm que ver os actores em cena; e) a abstracção de uma forma separada de um conteúdo.” Com o que no dizer do visado “passa em silêncio o ponto de divergência [no texto anterior por nós sublinhado] preferindo apontar-me como uma espécie de ‘cavalo de Tróia’ do pensamento regressivo e aproveitando o ensejo para me ministrar, de par com o devido correctivo, uma boa lição, assumindo uns ares superiores de quem é único detentor dos papiros supremos da sabedoria”³⁴.

E, continuando, J.J. Cochofel passa a desmontar a posição de A. J. Saraiva :

“o simplismo de Saraiva torna-se evidente ao censurar-me por não tomar em linha de conta a ‘ interpretação global e dinâmica da realidade social que tem por base o conhecimento de como são produzidos e distribuídos os bens materiais e de como se geram os grupos humanos e as suas relações recíprocas’, pois que tal interpretação estrutura implicitamente toda a minha exposição, não sendo minha a culpa de que Saraiva não veja para além das fórmulas papagueadas. Confinava-se Saraiva numa exclusiva posição infraestrutural, indefensável por exclusiva, supondo-a a chave que abre todas as portas, e esquecendo lamentavelmente que se é efectivamente por meio de chave que se abrem as portas, nem qualquer chave serve em todas as fechaduras. A posição infraestrutural é com efeito a base indispensável a toda a interpretação consequentemente válida, mas não basta: há que subir aos ‘factos secundários e terciários’ a que se refere o autor citado, [Marx – Manuscritos de 1844] e não ignorar os ‘elos intermediários’ sob pena de se cair no mecanicismo como nota o seu companheiro de trabalho [F. Engels] na Carta a Starkenburg.(...) segundo Saraiva, eu não teria caracterizado o público e isolaria ‘tanto o público como a arte do conjunto real em que se inserem, ao ignorar ou subestimar o problema do conteúdo da obra de arte’.”³⁵

Fazendo o ponto de ordem ao debate António Vale, isto é, o secretário geral do PCP, Álvaro Cunhal vem, em termos maniqueístas, afirmar que

“não há nem nunca houve uma arte ‘pura’, uma arte neutra... um publicista notável defendeu um dia que a crítica literária deveria ser ‘tão objectiva como a física’... há a arte de tendência dos estratos condenados pelo desenvolvimento social e a arte de tendência dos estratos cujo favorável futuro o desenvolvimento social anuncia. A primeira, porque de tendência, foge à verdade. A Segunda, porque de tendência, será tanto mais poderosa quanto mais verdadeira for. E aqui está um novo e firme critério de selecção.”³⁶

Apresentada a polémica nos termos considerados mais significativos em si próprios e para a análise que aqui importa pode-se a nosso ver estabelecer como hipótese que o que nela está em jogo resulta em larga medida de um movimento

³³ COCHOFEL, J. José – *Notas soltas acerca da arte, dos artistas e do público*. “Vértice”, vol. XII, 1952, p. 345-347, sublinhados nossos, negrito sublinhado do autor.

³⁴ ³⁴ COCHOFEL, J. José – *Problema falseado*. “Vértice”, vol. XII, 1952, p. 500-504.

³⁵ Ibidem.

³⁶ VALE, António – *Cinco notas sobre forma e conteúdo*. “Vértice”, Vol. XIV, 1954, p. 466-484

de fundo que, pelos “comos” da recepção do marxismo em Portugal, vai no sentido da cientifização da sociedade, enquanto que idêntica trajectória de divulgação se orientava, nos anos 1930/40 no sentido da socialização da ciência, a totalização da experiência histórica de Abel Salazar e no da cultura integral do indivíduo de Bento de Jesus Caraça.

Passados mais de vinte anos, em artigo ao último dedicado,³⁷ Mário Dionísio, um dos principais protagonistas da polémica analisada a propósito da conferência “Algumas reflexões sobre a Arte” proferida por Bento de Jesus Caraça vem reconhecer “ se estas palavras pronunciadas em 1943, tivessem sido ouvidas com a atenção devida e analisadas nas suas várias implicações, ter-se-ia de certo evitado muita doutrinação excessivamente superficial e muita polémica inútil que justamente por essa altura grassava entre nós e continuou a grassar...”

3. “Reconfiguração de saberes” : tempos e modos

“...Consideremos então as ciências e as artes em si mesmas....e não hesitaremos mais em percorrer o mesmo caminho a partir dos pontos em que os nossos raciocínios se encontrem de acordo com as induções históricas (...) As ciências e as artes devem o seu aparecimento aos nossos vícios: teríamos menos dúvidas quanto às suas vantagens se elas o devessem às nossas virtudes. O defeito da sua origem é - nos por demais mostrado nos seus objectos.”³⁸

A reorganização dos saberes que hoje se nos (im)(pro)põe remete-nos como ponto de partida e marca do campo de investigação onde nos situamos, para a questão da “autoridade da ciência” . Esta última, é tomada da recente definição de Ciência apresentada por Latour (1999,361): “opõe-se a Ciência definida como a politização das ciências pela epistemologia (política) para tornar impotente a vida pública ao fazer pesar sobre ela a ameaça de uma salvação por uma ‘natureza’ já unificada, e as ciências, no plural e em minúscula, definidas como um dos cinco saberes - fazer essenciais do colectivo para a pesquisa das ‘proposições’ com as quais deve constituir o mundo comum e encarregado da manutenção da pluralidade das realidades exteriores”. A noção autoridade incorpora a história da sua construção como objecto socio - crítico, ponto crucial de viragem da problemática da Teoria Crítica ligada à Escola de Frankfurt a qual sofreu precisamente nos anos de 1936 a pressão da crise social que ela própria tentava diagnosticar (ASSOUN: 1991, 46). O que não deixa de sugerir algum paralelismo com outros momentos de transição paradigmática, em que, como hoje, o ter de enfrentar problemas modernos sem para eles haver soluções modernas, (SANTOS:1999, 204) exige a difícil reconstrução de uma nova teoria crítica, alternativa cuja construção (NUNES:1999, 26-27) implica a reconfiguração dos mapas de saberes ainda hoje predominantemente (estabelecidos em torno da “separação” das “duas culturas” humanidades/ciências e da subsequente especialização por disciplinas e com base na distinção hierárquica de saberes e culturais, desqualificadora dos saberes fora dos cânones oficiais e/ou dominantes).

³⁷ DIONÍSIO, Mário - “Caraça e a Arte” “Seara Nova”. Lisboa. Out.-Nov.1978, p. 3-5.

³⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques – *Discurso sobre as artes e as ciências*. Porto: António Daniel Abreu, 1972., 30-31 (col.Textos Marginais). Ver releitura em Oração de Sapiência, proferida em 1985 na Universidade de Coimbra, por SANTOS, Boaventura de Sousa – Um discurso sobre as ciências. 8ªedição. Porto : Afrontamento, 1996.

3.1. Posições críticas e construção da consciência crítica e social no Portugal “censurado”

Retomemos novamente a proposta de Arriscado Nunes “seria importante clarificar as dissonâncias e ressonâncias entre os debates internos ao marxismo sobre a estética e o debate sobre as duas culturas. E prossegue na sua proposta de investigação para que se pretende contribuir com este texto, em que nos propomos de novo, com outros materiais e pela recapitulação de outros debates, abordar particulares formas de expressão da relação ciência - sociedade em Portugal. “ A tentativa de promover, durante o Estado Novo, uma cultura de oposição racionalista, informada pela ciência e que encontraria na vulgarização de alta qualidade um veículo privilegiado continua, ainda hoje, a ser uma referência fulcral e legitimadora das políticas de promoção da cultura científica e da educação científica, agora sob a égide do Ministério da Ciência. Figuras como Rómulo de Carvalho, Bento de Jesus Caraça, Abel Salazar e outros, e iniciativas editoriais como a Biblioteca Cosmos ocupam um lugar central nesse movimento cultural, que mereceria um estudo pormenorizado. O trabalho de António Pedro Pita (1989) fornece algumas importantes pistas neste sentido.”

Trata-se de um movimento cultural materializado numa proliferação de artigos e debates de divulgação cultural, literária, artística e científica vindos a público em revistas e jornais em que se destacam a Seara Nova, O Diabo, Sol Nascente, etc. conferências, planos e projectos editoriais como a já referida Biblioteca Cosmos, em Lisboa, e no Porto, a série Cadernos Azuis, que nos anos 1930-1940 adquire expressão dominante e complexa já que nele se cruzam tendências teóricas e posições ideológicas e culturais que vão desde o positivismo lógico da Escola de Viena ³⁹divulgado por Abel Salazar, ao racionalismo idealista do Seareiro António Sérgio, sendo já atravessado pelo neo-realismo nascente, já de si designação criptada de realismo socialista, como camuflada era também entre nós a designação de o marxismo, sua principal fonte de inspiração, então chamado de pensamento diamático. Estudioso no quadro da filosofia política das polémicas internas ao neo-realismo, bem como dos modos de recepção do marxismo pelos intelectuais portugueses, neste período, A. Pedro Pita, após ter recenseado como principais influências, para além de outras como Lukacs, Plekanov, W. Benjamim, sinalizadas por outros autores, ⁴⁰ Henry Lefebvre, Bukharine, Estaline, propõe-nos como hipótese ⁴¹ o debate, com expressão na querela meios/fins,⁴² entre duas interpretações do marxismo – a historicista, protagonizada por Bento de Jesus Caraça e José Rodrigues Miguéis e a cientista – considerando que esta última, acentuadamente estalinista, viria a tornar-se dominante.

A expressão deste debate em torno da ciência e sua relação com a sociedade fez-se a propósito da literatura e das artes plásticas, como se viu, e passou neste sentido a ser interno à área de influência do PCP. Isto, fazendo-se eco das posições de Lukacs e de um discurso de crítica social fundado nas leis do desenvolvimento histórico tomadas como se de leis naturais se tratasse. A esta posição dominante e que teve em António Vale, aliás Álvaro Cunhal o seu epígono contrapôs - se a dos que, como Cochofel, se fizeram eco das vozes críticas que tiveram na Escola de Frankfurt desde os anos 30, lídimos representantes do que haveria de traduzir-se na chamada crítica artista.

Sem excluir este ponto de entrada na problemática, mas não podendo aí restringir-nos porque embora importante não foi nem linear nem único,

³⁹ xxx influência do marxista Neurath e de Wittgenstein na Escola de Frankfurt e Teoria Crítica e desenvolvimento posterior de Popper xxx ver entrevista de Armando de Castro e sua referência a Popper

⁴⁰ Vértice – sessão testemunhal já anteriormente referida

⁴¹ *A Recepção do marxismo pelos intelectuais portugueses (1930-1941)*. Coimbra: Oficina do Centro de Estudos Sociais, 1989 (nº12), p. 23-24.

⁴² *Ibidem*, p.33-96

pretendemos, na perspectiva mais abrangente e interpelativa da relação ciência - sociedade, explorar outras dimensões, como por exemplo a do debate estético – literário sobre forma/conteúdo, anos 50, a do significado e impacto desse pendor crítico que marcou uma das vertentes fundamentais do processo histórico de construção do campo sociocultural de formação da nossa consciência social, crítica e científica, e a dos efeitos da censura não tanto ao nível do que impediu que se fizesse, mas sobretudo ao nível das marcas que deixou no que se fez. O que requer um esforço metodológico de (re)construção genealógica intelectual das diferentes matrizes do pensamento contemporâneo português, pela via designadamente, no campo em definição de uma nova teoria crítica, de (re)actualização do pensamento de alguns dos seus protagonistas mais destacados.

Assim, se em momento anterior procurámos compreender através de Abel Salazar e António Sérgio os modos como a questão da divulgação científica se colocou entre nós, sob a forma de acesa polémica travada em periódicos de esquerda e de oposição à normalização obscurantista da ambiência cultural e educacional do Estado Novo, no período imediatamente anterior à II Guerra Mundial, polémica afinal centrada no positivismo cientifista antimetafísico da Escola de Viena divulgado entre nós pelo cientista, pensador crítico e inovador artístico Abel Salazar, versus republicanismo humanista do pedagogo António Sérgio - a tradução do marxismo a florada apenas na abordagem feita, por contraponto, a Bento de Jesus Caraça, matemático e ilustre figura de consenso cultural - visou - se agora, inventariar outras expressões concretas que no Portugal do pós Guerra continuou a assumir esse movimento de debate. Descontínuo, em dissonância ou consonância com o marxismo, tal movimento latente na sociedade portuguesa configura-se em outras tantas tentativas de promoção, sob o Estado Novo, de uma cultura de oposição racionalista informada por ou reclamando-se de uma mentalidade científica e de uma consciência social e crítica que encontra em certas formas de vulgarização de destacada qualidade, um veículo privilegiado dos debates ciência – sociedade (NUNES,1999:26-27). Corporiza-se em iniciativas, escritores, críticos e intelectuais que, como Rómulo de Carvalho/António Gedeão, Armando de Castro, Luís de Albuquerque⁴³ e Jorge de Sena, entre outros, assumiram de modos diversos posições no processo entrecortado de promoção de cidadania e cultura democrática e divulgação científica.

Jorge de Sena, auto – exilado a partir de 1959, primeiro no Brasil e depois nos E. U. A., e o seu projecto inacabado de construção de romance cíclico intitulado “Monte Cativo” que ele próprio definiu como “pretendendo cobrir, através das experiências de um narrador, a vida portuguesa de 1936 a 1959 [ou] como que uma viagem dentro de Portugal desde 1936 a 1959”⁴⁴ que se ficou pela publicação do romance *Sinais de Fogo*,⁴⁵ é exemplo dissonante de intelectual

⁴³ CASTRO, Armando – *Luís de Albuquerque e o exercício da cidadania na investigação científica*. “Revista da Universidade de Coimbra. Vol. XXXV, 1989, p.35-42. Originariamente apresentado por A de Castro no Colóquio “A Ciência como cultura”, organizado em Set.1988 pela Presidência da República, este texto salienta a dimensão cívica e de promoção da história da técnica e da ciência sempre presente ao longo da carreira de investigador, desde 1940, do matemático e historiador L. de Albuquerque o qual foi também director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, durante 10 anos.

⁴⁴ SENA, Jorge de – *Um Texto Inédito*. “Seara Nova”. Lisboa. Out.Nov.1978, p. 30-37. Observe-se o facto de o mesmo fascículo incluir sobre Bento de Jesus Caraça três artigos, sendo o primeiro “Caraça e a Arte” de Mário Dionísio, já citado, e os restantes “Caraça e a Ciência” de Alexandre Ribeiro (5-7), e “Caraça e a Cultura” de Carlos Aboim Inglês (8-9)

⁴⁵ O texto inédito na nota anterior referenciado integra o romance “Sinais de fogo” , (1º tomo previsto de Monte Cativo) postumamente publicado. Para uma interpretação da projecção na obra de Sena desse seu projecto inacabado que foi Monte Cativo, veja-se introdução (1983, 1984) da autoria de sua mulher, Mécia de Sena, à obra *Sinais de Fogo* . 7ª edição. Porto: Asa, 1997, p. 5 – 26.

que ‘emigrado’ procura nos caminhos da literatura a transversalidade que dirime sem obnubilar as clivagens cultura – sociedade – ciência.

Porém, a rede de leitura em que a recepção da obra multifacetada e quase enciclopédica de Jorge de Sena - escritor, poeta, crítico, engenheiro e professor universitário -, se fez, logo desde os anos 1940, impediu a apreciação da dimensão do seu trabalho, com traços que alguns comparam ao de Walter Benjamim⁴⁶ prejudicada que foi por “ideias feitas” dominantes em Portugal nos anos 1940, como por exemplo: “a identificação entre poesia e lirismo; a persistência do critério romântico da espontaneidade e da sinceridade na criação poética com o conseqüente equívoco da indistinção entre personalidade poética e personalidade civil; a desconfiança em relação à ruptura com os padrões prosódicos e linguísticos estabelecidos pela tradição secular da poesia portuguesa (o versilibrismo é ainda visto como uma temerária ousadia); a dicotomia entre ‘forma’ e ‘fundo’ (ou ‘conteúdo’)...”⁴⁷. E subjacente a tudo isso uma incapacidade para a compreensão da “problematização da linguagem” que, a nosso ver, radicou em grande medida na concepção da língua como instrumento neutral exposta em “Marxismo e linguística” de Staline.

Exemplo singular ainda do que, pela via da expressão estético - literária, viria a ficar conhecido por “pôr a ciência em cultura”, é o do professor de Físico - Químicas Rómulo de Carvalho na senda, a nosso ver, da proposta estético - artística, versus racionalidade instrumental de Adorno, uma das figuras centrais da Escola de Frankfurt. Já com 50 anos de idade, estreia-se na poesia em 1956, sendo já então voz destacada no panorama da cultura portuguesa como divulgador e historiador da ciência, como António Gedeão, “poeta de cultura científica”,⁴⁸ como lhe chama Jorge de Sena, seu antigo aluno de liceu.

Armando de Castro ensaia sem sair do país e noutros domínios obra menos assumidamente polémica e caústica, colocando-se, até ao seu recente desaparecimento, sempre no quadro explícito do marxismo, da exigência da racionalidade científica traduzida no quadrante da educação e investigação nas ciências sociais, na epistemologia da ciência (Teoria do Conhecimento Científico)⁴⁹ e na história económica cujos alicerces, entre nós, levanta, e sobre a qual, pondo em relação a economia e a ciência, logo em 1945, haveria de reflectir criticamente.⁵⁰

Como ambiência socio - cultural de fundo o movimento cultural do Neo-Realismo. Movimento que originária e duplamente marcado pela designação eufemística de realismo socialista (Joaquim Namorado) nos seus fundamentos enraizado em concepções político - filosóficas do materialismo dialéctico e materialismo histórico, na versão nacional traduzida por “pensamento diamático”,

A Jorge de Sena dedicou a revista “O Tempo e o Modo” o seu nº 59 (Abr.1968) no qual se incluiu o inquérito “Falando de Jorge de Sena”, ao qual foram convidados a responder 39 autores portugueses, dos quais responderam 23, e encontrando-se entre os dezasseis que, também convidados, não responderam, por exemplo: João José Cochofel, Mário Dionísio, Carlos de Oliveira, António Gedeão, José Régio, Alexandre O’Neill, Herberto Helder, José Carlos Vasconcelos, Vergílio Ferreira, Sofia de Mello Breyner Andersen, Eduardo Prado Coelho.

⁴⁶ SILVEIRA, Jorge Fernandes – Uma cadeira para assistir ao séc.XX: reflexões sobre a poesia de Jorge de Sena. In SANTOS, Gilda, Coord. – Jorge de Sena: Rotas Entrecruzadas. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 171 - 199

⁴⁷ LOURENÇO, Jorge Fazenda – *Título nenhum serve: para o estudo da recepção de Jorge de Sena nos anos 40*. In SANTOS, Gilda, Coord. – Jorge de Sena: Rotas Entrecruzadas. Lisboa: Cosmos, 1999P. 153-170

⁴⁸ SENA, Jorge – A Poesia de António Gedeão (esboço de análise objectiva). Prefácio a Poesias Completas (1956-1967) de António Gedeão. Lisboa: Portugália, (1964), p. XI – LX. e Post scriptum (1968), p. LXI - LXXXVI

⁴⁹ CASTRO, Armando - *Teoria do Conhecimento Científico (vols. I –IV, Porto: Limiar, 1975, 1978, 1980, 1982; vol. V, Porto:Afrontamento,1987*

⁵⁰ CASTRO, Armando de – *A Investigação Científica ao serviço da Economia*. Porto: Junta de Investigação Matemática, 1945. Texto de palestra lida ao microfone d Rádio Clube Lusitânia em Março de 1945.

para iludir a censura ⁵¹ apresenta a seguinte linha evolutiva: a) ensaísmo doutrinário e crítico (de 1936 a 1945); b) afirmação do movimento no plano literário e 1º surto de poesia e ficção (década de 1940); c) encontro de gerações, (década de 1950); d) ensaísmo sociológico (Magalhães Vilhena e Piteira Santos, de 1945 a 1960); e) geração de protesto nas décadas de 1960-1970; f) ensaísmo técnico- científico (Sedas Nunes, 1960 - 1970).

3.2. Ciência e humanidades - marxismo e debates na Europa

Já os debates que em torno dessas dicotomias vieram a público no mundo ocidental particularmente entre as décadas de 1930-1950, pressupõem a ideia base de separação “natureza”/“sociedade”, que acompanhada de outras manifestações, podem ser entendidas como uma versão do debate sobre as “duas culturas”: denúncia da dominação da natureza e da colonização da sociedade pela racionalidade instrumental e, conseqüentemente, a redução da ciência e da tecnologia a um problema a denunciar em nome de uma esperança de emancipação que estaria confinada à esfera estético-expressiva. (NUNES,1999)

A este propósito, invoca Arriscado Nunes a análise feita por Dusek (1998) do debate Brecht e Lukács em torno da estética marxista e sua recapitulação no debate Feyerabend e Lakatos no âmbito da filosofia das ciências. Vejamos em síntese o que o autor citado nos apresenta em *Marxismo, estética e filosofia da ciência : Debates célebres Brecht /Lukács (1930-40)=Feyerabend / Lakatos (1953-1960/1970)*. Texto que inicia compondo algumas notas biográficas que podem iluminar o debate Brecht – Lukács dos anos 1930 referente à estética e literatura e contribuir para fazer luz sobre debate mais recente (1960/70) entre Feyerabend e Lakatos relativo à filosofia da ciência.

Imre Lakatos, activista comunista na Hungria e ex-assistente de Lukács, vem a rejeitar, (Inglaterra, 1953-1960), em favor das perspectivas anti - marxistas de Karl Popper e da visão do mercado livre de F. Hayek, essa sua herança do marxismo que terá influenciado as suas ideias no campo da filosofia da ciência. Porém, Lakatos refere apenas ocasionalmente essa etapa do seu percurso, mais como decoração biográfica do que com real significado na sua filosofia.

Paul Feyerabend, que considera essa ligação de Lakatos ao leninismo como parte do poder da sua posição, foi, por seu turno, e assume-o explicitamente, influenciado por Bertolt Brecht com quem esteve envolvido na escrita de peças de teatro e por quem chegou a ser convidado - é conhecido o seu talento de cantor de ópera - para seu assistente na Ópera de Berlim. Feyerabend refere nos seus escritos para as canções de ópera, que depois das reacções iniciais à caracterização da sua posição como “anarquismo epistemológico” foi considerado ele próprio “dadaísta”. Por sua vez, o seu enfoque no teatro e em particular no teatro épico de Brecht, foi mais central para a sua visão filosófica do que parecem ter sido os filósofos americanos da ciência. O movimento expressionista que influenciou Brecht sobrepôs-se ao Dadaísmo após a I Guerra Mundial. Lukács e Lakatos compartilham segundo Dusek:

- *uma noção tradicional de distanciação e objectividade científica em contraste com o antropomorfismo da arte e da religião;*

- *uma concepção formalista dos critérios de avaliação respectivamente da ciência e da arte;*

- *uma linha de avaliação em termos de um forte contraste entre arte e ciência progressista e decadente;*

⁵¹ DIAS, Luís Augusto Costa in *Entre a Realidade e a Utopia: O neo-realismo literário português: Catálogo e roteiro da Exposição*. Matosinhos: Município de Matosinhos- Câmara Municipal, 1996, p. 26

(posição esta que teve no debate interno analisado o seu grande epígono em A Vale)

- um racionalismo extremo com severa denúncia dos opositores como irracionistas, em todos os campos;

- uma tendência para deixar a reconstrução formal da dinâmica histórica destruir ou ultrapassar os considerados pormenores em confusão de trabalhos particulares;

- uma posição externa de críticos e avaliadores em relação à ciência/literatura e não de produtores ou criadores, e como conselheiros do governo para consolidar projectos e escolas;

- uma concepção popular dos públicos da ciência/literatura como receptores passivos de grandes e elevados trabalhos.

Em contraste, Brecht e Feyerabend compartilham no que se refere conjuntamente à ciência e arte as seguintes posições:

- a noção que o *criticismo, a especulação e a experimentação* são compartilhadas pela ciência e pela arte, e que a ciência e arte envolvem simultaneamente elementos de objectividade e participação de criadores e públicos;

- uma rejeição de critérios rígidos, unificados, e formalistas na avaliação da ciência e da arte;

- uma noção de que o suposto 'progresso' científico não é sempre progresso e que as tendências modernas 'decadentes' podem muitas vezes trazer novos avanços, superiores aos dos bons, velhos mas desactualizados ideais ou normas;

- um entendimento de que o racional e o 'irracional' estão muitas vezes inextricavelmente misturados na sociedade e na ciência, e que o racionalismo estreito, rejeita novidades e inovações, ainda em confusão, como 'irracionais', obstáculos do desenvolvimento da arte e da ciência;

- a concepção de que esquemas formais e ideais das dinâmicas do progresso em arte e ciência são prejudiciais na ausência de detalhes de eventos e trabalhos particulares, os quais poderão ser avaliados nos seus pormenores incongruentes;

- a posição adquirida de que uma crítica externa da arte ou da ciência, mas como co-produtor, contribuindo com sugestões e alternativas como avaliador de trabalhos e teorias, não como comissário cultural ou dador de concessões;

- uma concepção de audiência[públicos] popular da ciência e da literatura como críticos activos, pensadores e não co - colaboradores para experimentos e teorias científicas como para performances dramáticas.⁵²

Sem prejuízo da consideração prévia que se tenha sobre o esquematismo algo extrapolatório deste ensaio de Dusek é possível encontrar ecos do mesmo em Portugal na vertente do debate literário.

⁵² DUSEK, Val – *Brecht and Lukács as teachers of Feyerabend and Lakatos: the Feyerabend-Lakatos debate as scientific recapitulation of the Brecht-Lukács debate*. "History of the Human Sciences". London: Sage, vol.11, nº2, p. 25-44. Resumo do artigo: "Feyerabend e Lakatos foram convidados para ser assistentes de literatura respectivamente dos marxistas Brecht e Lukács. No debate sobre Expressionismo, de 1930, Lukács associou o expressionismo artístico com o irracionalismo e o fascismo, enquanto Brecht criticou o anti-modernismo de Lukács. As críticas de Lakatos a Kuhn como ressonância das denúncias de Lukács ao idealismo germânico e as influências de Lukács na terminologia e tópicos da metodologia de Lakatos. Lakatos no que concerne ao progresso e medo do irracionalismo e decadência, recapitula posições do seu professor, Lukács, no seu antigo ataque à arte moderna. As críticas de Feyerabend a Lakatos tem paralelo nas críticas de Brecht a Lukács. (Tradução nossa)

3.3. Uma aproximação comparada

Lukács que liderou a teoria estética e a filosofia académica do Marxismo do séc. XX, foi também em Portugal um dos autores que maior influência teve na penetração do marxismo designadamente entre a primeira geração de neo-realistas, como explicitamente o reconhece Alexandre Pinheiro Torres, entre outros.

Ora uma aproximação comparada entre o debate força versus forma interno ao neo-realismo, ou na perspectiva deste, entre ortodoxos e heterodoxos, anteriormente exposto e a análise de Dusek acabada de traçar permite verificar as similitudes de arcanos e retóricas próprias das duas posições críticas em presença – a primeira, no quadro nacional, de pendor artístico - literário e a segunda, no plano internacional, mais de pendor filosófico, científico e social, onde posições como a de Mário Dionísio, Cochofel e Carlos de Oliveira se considerariam mais próximas das de Brecht (posteriormente reactualizadas por Feyerand, no domínio da filosofia da ciência) enquanto que as de Ramos de Almeida, A J. Saraiva e Álvaro Cunhal se aproximariam das de Lukács, e na linha de pensamento de Dusek, das de Lakatos.

Outros debates célebres na Europa marcaram de modos diversos mas com analogias entre si, a recepção do marxismo e as posições face ao mesmo, havendo alguns dos seus mais destacados protagonistas, tido influência em autores nacionais. Para além do debate no interior da New Left protagonizado por exemplo por Anderson e Thompson e seus críticos, em Inglaterra e no campo mais particular da história,⁵³ também na França, Henri Lefevre,⁵⁴ figura paradigmática a vários títulos, protagoniza debate de contornos algo semelhantes a que nos referiremos, dada a influência que este autor, como Lukács, teve em Portugal.

4. Potencialidade heurística e analítica dos debates e da crítica

O quadro de construção que seguimos neste texto orienta-se para a releitura e compreensão das tentativas entre nós feitas num passado recente, para criar e desenvolver uma cultura científica na sociedade portuguesa. Aqui como em momento anterior socorremo-nos metodologicamente da análise de debates e polémicas. Porquê tal opção?

A resposta pode encontrar-se no princípio de tra(ns)dução seguido ao tentar transpor do domínio dos debates na ciência, cujas potencialidades de análise em termos micro e de relevância da historicidade, no campo dos estudos sociais das ciências e das técnicas se têm vindo a revelar da maior importância para um entendimento reflexivo e crítico das actuais sociedades de dominância das “tecnociências” (Latour), por alguns hoje também chamadas sociedades “de risco” (Ulrich Beck).

Importa todavia ter presente que se “a polémica é, antes de mais nada um fenómeno discursivo que pertence à categoria do diálogo no sentido mais amplo da palavra”⁵⁵ os estudos que a tenham por matéria devem ter em conta “os métodos desenvolvidos para o estudo do discurso em geral e do diálogo em particular”. Pois que se, como diria Bakhtin, “as ciências exactas são uma forma monológica de conhecimento” uma vez que “o intelecto contempla uma coisa e

⁵³ MUNHOZ, Sidnei - *Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos.* Revista de História Regional. S.Paulo:USP.2(2)Inv.1997.[<http://www.uepg.br/rhr/v2n2/sidnei.htm>] p1- 22.

⁵⁴ KELLY, Michael – Henry Lefebvre, 1901-1991. “Radical Philosophy” 60. [<http://www.ukc.ac.uk/secl/philosophy/rp/bio/Hefeb.html>, p.1-5

⁵⁵ DASCAL, Marcelo – *A polémica na ciência.* In *A Ciência Tal qual se Faz.* Lisboa: Sá da Costa, 1999, p. 65-76

pronuncia-se sobre ela “ a verdade é que “a actividade eficaz do sujeito na cognição da coisa muda... supõe a actividade dialógica do cognoscente”⁵⁶ a qual é designadamente activada na polémica

Conclusão

Ficam esboçadas algumas linhas de (re)leitura úteis ao esforço de (re)configuração de saberes a empreender pela articulação entre abordagens socio históricas do Portugal Contemporâneo e construção de uma nova teoria crítica.

Através de aspectos marcantes dos percursos assinalados, procurou-se encontrar pontos de continuidade, rompimento e/ou sobreposição com manifestações de “combate” pela divulgação e criação de uma cultura científica em Portugal, ao longo dos anos de 1930/60, marcadas por um ambiente de polémica. Relacionaram-se modos de conhecimento e atitudes críticas de movimentos/atitudes culturais de oposição/combate ao fascismo e tentativas de construção de uma consciência social e crítica informadas por novos racionalismos, com influências de maior ou menor impacto, em desenvolvimento “extra - muros” das ciências e das técnicas.

Procurou-se, em síntese, inventariar pela releitura de uma polémica estético-literária tornada célebre, debates latentes entre as duas culturas Ciências - Humanidades e por essa via identificar e compreender transversalidades e/ou dicotomias que adensando o tópico da relação Ciência e Sociedade em (Portugal, 1945-1960) lhe devolvam outra inteligibilidade. O que implicou à partida contextualizar as problemáticas levantadas no quadro mais amplo em que ocorrem e onde se têm por isso de estabelecer-se. Fizemo-lo recorrendo implicitamente, para construção de um modo de olhar “o dentro” de fora, a Jorge de Sena, cuja obra recepcionada de um modo “sui generis” em Portugal nos anos 40, haveria de, já no exílio, vir a apresentar fortes ressonâncias do pensamento e obra inacabada de W. Benjamim:“....desde que, na sociedade euro-americana, não houvesse, por imposição dos interesses das Revoluções Industriais, uma cisão sabiamente estabelecida, entre a cultura de raiz humanista, e a ciência que dava ao humanismo os meios de continuar a sê-lo.”⁵⁷

Com efeito, para conhecer os termos da relação ciência - sociedade no Portugal contemporâneo (de 1930 a 1974) importa a nosso ver reconstruir e reler todo um movimento cultural, diferencialmente marcado pela inquietude e a aventura intelectuais e pela abrangência e transversalidade de diferentes saberes e campos do conhecimento. De vasto âmbito e largo espectro, balizamos tal movimento entre a “ciência como cultura” expressão de um interrompido plano de política cultural lançado por Abel Salazar nos anos 1930, até ao projecto também inacabado de publicação da Ciência das Ciências, obra em oito volumes de Armando de Castro; passando naturalmente por procurar seguir a pista ao trabalho e intervenção cultural de cientistas, homens de cultura e professores universitários e/ou do ensino secundário, perseguidos pelo Estado Novo; integrando outros projectos como o notável projecto editorial da Biblioteca Cosmos (anos 1940), a partir de Lisboa, de Bento de Jesus de Caraça, e o dos Cadernos Azuis lançado pela mesma altura no Porto; atravessando auditórios nacionais marcantes no plano das ideias e noutros domínios como o estético - literário.

⁵⁶ BAKHTIN, Mikhail – *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas*. [texto de 1974, último escrito do autor inspirado nas notas de trabalho de um estudo que era dedicado (em 1940) aos “fundamentos filosóficos das ciências humanas”] In BAKHTIN, M. - *Estética da criação verbal* . S.Paulo: Ed.Martins Fontes, 1992, p. 399-414.

⁵⁷ SENA, Jorge – A poesia de António Gedeão (esboço de análise objectiva). Prefácio a Poesias Completas (1956-1967). Lisboa: Portugalia, 19964, XLIV

Não é porém tarefa fácil o que nos propomos, tais “os labirintos de que é feita entre nós, a afirmação teórica do materialismo”⁵⁸ e a inexistência das necessárias “condições sociais para desenvolver os meios de autodomínio intelectual”⁵⁹. Pelo que neste texto apenas se procurou estabelecer outro ponto de partida para projecto de investigação a prosseguir.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. – *Marx est- il dépassé?* . “Diogène”. Paris: Gallimard, nº 64, 1968, p. 3-20
- ALMEIDA, António Ramos de – *A Arte e a Vida*. 1ª ed. 1941, 2ª ed. Porto: Livraria Latina, 1945 (Cadernos Azuis; 2).
- ASSOUN, Paul-Laurent – *L'École de Francfort*. Paris: PUF, 1987. (Col. Que Sais-je?)
- BAKHTIN, Mikhail – *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas*. In BAKHTIN, M. - *Estética da criação verbal* . S.Paulo: Ed.Martins Fontes, 1992, p. 399-414.
- BASTIEN, Carlos – *Os primeiros leitores portugueses de Marx economista*. “Vértice”, II Série, nº 79, Jul.-Set., 1997, p. 34-49.
- BESSE, Guy – *Magalhães Vilhena, filósofo e combatente (1916-1993)*.” Vértice”.Mai-Jun.1995, p. 83 –88
- BRECHT, Bertolt – *Les Arts et La Révolution: Notes sur le travail littéraire. Articles sur la littérature*. Paris: L' Arche, 1970
- CARAÇA, João – *Que é ciência*. Lisboa: Difusão Cultural, 1997
- CARVALHO, Rómulo - *Bibliografia das obras de autores nacionais publicadas durante o séc. XX que se ocupam das actividades científica e técnica dos portugueses nos séculos anteriores*. In *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1992. Vol. III, p. 1781-1938.
- CASTRO, Armando – *Luís de Albuquerque e o exercício da cidadania na investigação científica*. “Revista da Universidade de Coimbra. Vol. XXXV, 1989, p.35-42.
- CASTRO, Armando de - Armando de Castro - *Os primeiros críticos de Marx em Portugal* “Vértice”, nº 453, Mar.-Abr.1983, p.16-17.
- CASTRO, Armando - *Para a história do pensamento marxista em Portugal* in O Marxismo no limiar do ano 2000. Lisboa: ed. Caminho, 1985.
- CASTRO, A. - *Teoria do Conhecimento*. Lisboa: Limiar 1975.
- CASTRO, Armando - *Teoria do Conhecimento Científico* (vols. I –IV, Porto: Limiar, 1975, 1978, 1980, 1982; vol. V, Porto: Afrontamento,1987).
- CASTRO, Armando de – *A Investigação Científica ao serviço da Economia*. Porto: Junta de Investigação Matemática, 1945.
- COCHOFEL, João José - *Iniciação Estética*. 2ªedição. Lisboa: Publicações Europa - América, 1964, p. 98.
- COCHOFEL, J. José – *Notas soltas acerca da arte, dos artistas e do público*. “Vértice”, vol. XII, 1952, p. 345-347.

⁵⁸ PITA, António Pedro – Abel Salazar na imprensa coimbrã:1889-1946. Coimbra, 1998(?)

⁵⁹ CASTRO, A.A - *Teoria do Conhecimento*. Lisboa: Limiar 1975, dedicatória do autor à neta.

- COCHOFEL, J. José – *Problema falseado*. “Vértice”, vol. XII, 1952, p. 500-504.
- CORREIA, Fernando – *As revistas culturais entre a cultura e o mercado*. “Vértice”, nº 79, Jul.-Set., 1997, p. 60 – 69
- COUTINHO, G. - *Leis do Desenvolvimento Histórico*. “Sol Nascente” nº 34; p. 92 :
- COUTINHO, G. - – ABC –Que é o método dialéctico? “Sol Nascente” nº 40; p. 93-96.
- CUNHA, Norberto – *Génese e Evolução do ideário de Abel Salazar*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1997, p. 271-276
- DIAS, Luís Augusto Costa in *Entre a Realidade e a Utopia: O neo-realismo literário português: Catálogo e roteiro da Exposição*. Matosinhos: Município de Matosinhos - Câmara Municipal, 1996, p. 26
- DASCAL, Marcelo – *A polémica na ciência*. In *A Ciência Tal qual se Faz*. Lisboa: Sá da Costa, 1999, p. 65-76
- DIONÍSIO, Mário – *A Força e a Forma: Os caminhos convergentes*. “Vértice”, 1951, vol. XI, 1951, p. 100-104.
- DIONÍSIO, Mário – *A Força e a Forma: A propósito dos encontros em Paris*., 1951, Vértice, vol.XI, 1951, p. 234-238
- DIONÍSIO, Mário – *A Força e a Forma: Sobre um equívoco insistente*. Vértice, 1951, Vol.XI, 1951, p. 304-306
- DIONÍSIO, Mário – *A Força e a Forma: Crítica*. “Vértice”, 1951, VOL.XI, p. 653-660.
- DIONÍSIO, Mário – *Pintura e público*. “Vértice”, 1952, Vol. XII, p. 65-73.
- DIONÍSIO, Mário - “Caraça e a Arte” “Seara Nova”. Lisboa. Out.-Nov.1978, p. 3-5.
- DUSEK, Val – *Brecht and Lukács as teachers of Feyerabend and Lakatos: the Feyerabend-Lakatos debate as scientific recapitulation of the Brecht-Lukács debate*. “History of the Human Sciences”. London: Sage, vol.11, nº2, p. 25-44.
- FERREIRA, Dinis - *Estilo*. “Vértice”, 1953, p. 204-207.
- GOULD, Stephen Jay – *A Vida é bela: O Xisto de Burgess e a natureza da história*. Lisboa: Gradiva, 1995.
- HACKING, Ian – *Factos e Hipóteses*. In GIL, Fernando, Coord. - *A Ciência tal qual se faz*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1999, p. 269 - 285
- KELLY, Michael – Henry Lefebvre, 1901-1991. “Radical Philosophy” 60. In <http://www.ukc.ac.uk/secl/philosophy/rp/bio/Hefeb.html>.
- LAGE, Maria Otilia Pereira - *Da disjunção da ‘polémica’ à ‘complementaridade’ - Ciência e Sociedade (Portugal anos 1930 -1940)*. Comunicação apresentada ao Colóquio comemorativo dos 20 anos da Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra, 1999
- LIMA, Isabel Pires de Lima, Coord. - *Neo -Realismo*. “Vértice” nº 75, Dez. 1996, p. 59 – 89. (Sessão testemunhal com Alexandre Pinheiro Torres, Rui Feijó, Eduardo Lourenço, Arquimedes Silva Santos, Urbano Tavares Rodrigues, Eugénio Lisboa, Fernando Venâncio, José Carlos de Vasconcelos, José Manuel Mendes)
- LISBOA, Irene – *O Pouco e o muito: Crónica urbana*. In Morão, Paula, Org. - *Obras de Irene Lisboa*. Lisboa: Presença, 1997. Vol.VI
- LOURENÇO, Jorge Fazenda – *Título nenhum serve: para o estudo da recepção de Jorge de Sena nos anos 40*. In SANTOS, Gilda, Coord. – *Jorge de Sena: Rotas Entrecruzadas*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 153-170.
- LUKACS, Georg – *Realismo e Existencialismo*. Lisboa: Arcádia, [1960]

MARTINS, Hermínio – *Classe, Status e Poder*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1998, p. 42.

MUNHOZ, Sidnei - *Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos.* Revista de História Regional”. S.Paulo:USP.2(2)Inv.1997. In <http://www.uepg.br/rhr/v2n2/sidnei.html>

NUNES, João Arriscado – *Para além das “duas culturas”: tecnociências, tecnoculturas e teoria crítica.* “Revista Crítica de Ciências Sociais”.Coimbra, nº 52/53 Nov.1998 -Fev.1999. p. 15 - 60

PITA, António Pedro – *Abel Salazar na imprensa coimbrã:1889-1946*. Coimbra, 1998.

PITA, António Pedro - *A Recepção do marxismo pelos intelectuais portugueses (1930-1941)*. Coimbra: Oficina do Centro de Estudos Sociais, 1989 (nº12).

Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra: CES, nº 54 de Junho de 1999.

RICCIARDI, Giovanni – *Sociologia da literatura: História - Problemas - Perspectivas operacionais*. Lisboa: Publicações Europa América, 1971

ROSA, Rui Namorado – “*Um contributo para a memória de 50 anos de actividades científicas em Portugal.*” *Vértice*, Jan.-Fev. 1997, p. 33-34

ROUSSEAU, Jean- Jacques – *Discurso sobre as artes e as ciências*. Porto: António Daniel Abreu, 1972. (Col. Textos Marginais).

SALAZAR, Abel – *A socialização da ciência*. Lisboa: Editorial Liberdade,1933.

SALINAS, J.V. – *Os fundamentos do racionalismo concreto: I - Bases do método dialéctico, II - Bases de concepção realista “Síntese”, 5 e 6.*

SANTOS, Boaventura Sousa – *Um discurso sobre as ciências*. 8ªed. Porto: Afrontamento, 1996.

SARAIVA, António José – *História da literatura Portuguesa*. 6ªedição corrigida. Lisboa: Publicações Europa América, 1961.

SENA, Jorge – *A poesia de António Gedeão (esboço de análise objectiva)*. Prefácio a Poesias Completas (1956-1967).Lisboa: Portugália , 1964, XLI

SENA , Jorge de - *Sinais de Fogo* . 7ª edição. Porto: Asa, 1997, p. 5 – 26.

SENA, Jorge – *A Poesia de António Gedeão (esboço de análise objectiva)*. Prefácio a Poesias Completas (1956 -1967) de António Gedeão. Lisboa: Portugália, (1964), p. XI – LX. e Post scriptum (1968), p. LXI – LXXVI

SENA, Jorge de – *Um Texto Inédito*. “Seara Nova”. Lisboa. Out.Nov.1978, p. 30-37.

SILVEIRA, Jorge Fernandes – *Uma cadeira para assistir ao séc.XX: reflexões sobre a poesia de Jorge de Sena*. In SANTOS, Gilda, Coord. – *Jorge de Sena: Rotas Entrecruzadas*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 171 - 199

O Tempo e o Modo. Lisboa, nº 59, Abr.1968.

VALE, António – *Cinco notas sobre forma e conteúdo*. “Vértice”, Vol. XIV, 1954, p. 466-484